



## PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS E AS INIQUIDADES NO BRASIL: UM OLHAR SOBRE OS BOLSISTAS DO DF E DA REGIÃO CENTRO-OESTE

*Rovênia Amorim Borges<sup>1</sup>*

*Renísia Cristina Garcia Filice<sup>2</sup>*

**Resumo:** O artigo discorre sobre a participação de estudantes de graduação do Distrito Federal e da região Centro-Oeste, do Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), no intercâmbio para os Estados Unidos entre 2012 e 2015. Definiu-se por objetivo a construção de um perfil socioeconômico e linguístico desses estudantes, na interseção por gênero, raça e classe. Ao identificar o perfil dos bolsistas do CsF, o estudo lança luz sobre as lacunas históricas na educação básica brasileira, que refletem na escolarização desigual entre homens e mulheres, brancos e negros, pobres e ricos. A coleta dos dados foi realizada por questionário virtual enviado a participantes do Programa nos EUA, listados no site oficial Bolsistas pelo Mundo. Obteve-se uma amostra de 1.283 estudantes das cinco regiões. A análise das respostas teve o suporte do *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) e verificou-se que o Centro-Oeste apresentou um panorama de maior equidade por classe e raça, pendular às melhores condicionalidades sociais dos bolsistas do DF.

**Palavras-chave:** Ciência sem Fronteiras; gênero, raça e classe; DF e Centro-Oeste.

### PROGRAM SCIENCE WITHOUT BORDERS AND INJURIES IN BRAZIL: A LOOK AT SCHOLARSHIP STUDENTS FROM DF AND CENTRAL-WEST REGION

**Abstract:** The article discusses the participation of undergraduate students from the Federal District and the Central West region of the Science without Borders (SwB) Program, in the exchange for the United States between 2012 and 2015. The objective of this study was to construct a socioeconomic and linguistic profile of these students at the intersection of gender, race and class. By identifying the profile of SwB scholarship holders, the study sheds light on the historical gaps in Brazilian basic education, which reflect unequal schooling between men and women, white and black, poor and rich. The data collection was done through a virtual questionnaire sent to participants of the Program in the USA, listed on the official website of the Scholarships for the World. A sample of 1,283 students from the five regions was obtained. The analysis of the answers was supported by the Statistical Package for Social Sciences (SPSS) software, and it was verified that the Center-West presented a panorama of greater equity of class and race, commensurate with the best social conditionalities of DF scholars.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade do Minho, Portugal, e mestre em Educação pela Universidade de Brasília (FE/UnB) com a pesquisa “A interseccionalidade de gênero, raça e classe no Programa Ciência sem Fronteiras: um estudo sobre estudantes brasileiros com destino aos EUA”, sob orientação da Profa. Dra. Renísia Cristina Garcia-Filice. É graduada em Comunicação Social/Habilitação Jornalismo pela Universidade de Brasília. É integrante do quadro funcional do Ministério da Educação. E-mail: [roveniaa@gmail.com](mailto:roveniaa@gmail.com).

<sup>2</sup> Renísia Cristina Garcia-Filice é professora adjunta da FE/UnB, diretora acadêmica da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (Neab/UnB) e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e Gênero (Geppherg-UnB). E-mail: [renisiacgarcia@unb.br](mailto:renisiacgarcia@unb.br).



**Keywords:** Science without Borders; gender, race and class; DF and Center-West.

**PROGRAMA CIENCIA SIN FRONTERAS Y LAS DESIGUALDADES EN BRASIL:  
UNA MIRADA SOBRE LOS BECARIOS DEL DISTRITO FEDERAL Y DE LA  
REGIÓN CENTRO-OESTE**

**Resumen:** El artículo va a discurrir sobre la participación de estudiantes de la graduación del Distrito Federal y de la región Centro-Oeste, del Programa Ciencia sin Fronteras (CsF), en el intercambio para los Estados Unidos entre 2012 y 2015. Se ha definido por objetivo la construcción de un perfil socioeconómico y lingüístico de estos estudiantes, en la intersección por género, raza y clase. Al identificar el perfil de los becarios del CsF, el estudio lanza luz sobre las carencias históricas en la educación básica brasileña, que reflejan en la escolarización desigual entre hombres y mujeres, blancos y negros, pobres y ricos. La colecta de datos fue realizada por cuestionario virtual enviado a los participantes del Programa en los EUA, listados en el site oficial Becarios por el Mundo. Se ha obtenido una muestra de 1.283 estudiantes de las cinco regiones. El análisis de las respuestas tuvo el soporte del software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) y se verificó que el Centro- Oeste presentó un programa de mayor equidad por clase y raza, oscila a las mejores condicionalidades sociales de los becarios del DF.

**Palabras-clave:** Ciencia sin Fronteras; Género, raza y clase; DF y Centro-Oeste.

**PROGRAMME DE SCIENCE SANS FRONTIÈRES ET INEGALITES AU BRÉSIL: UN  
REGARD SUR LES BOURSIERS DU DF ET DE LA RÉGION CENTRE-OUEST**

**Résumé:** L'article traite de la participation des étudiants aux cycles supérieurs dans le District Fédéral et la région du Centre-Ouest, la Programme Science sans Frontières (CsF), en échange pour les États-Unis entre 2012 et 2015. Nous avons défini l'objectif la construction un profil socio-économique et linguistique de ces élèves, à l'intersection de sexe, de race et de classe. En identifiant le profil de CsF le marché boursier, l'étude met en lumière les lacunes historiques dans l'éducation de base du Brésil, ce qui reflète l'éducation inégale entre les hommes et les femmes, blancs et noirs, riches et pauvres. La collecte des données a été réalisée par questionnaire virtuel envoyé aux participants au programme des États - Unis, figurant sur le site officiel pour les boursiers du monde. Un échantillon a été obtenu de 1.283 élèves des cinq régions. L'analyse des réponses a eu le soutien du Statistical Package logiciel pour les sciences sociales (SPSS) et il a été constaté que le Midwest a donné un aperçu de la plus grande équité par classe et de la race, les déplacements aux meilleures conditionnalités sociales des boursiers DF.

**Mots-clés:** Science sans frontières; le sexe, la race et la classe; DF et le Centre-Ouest.

## INTRODUÇÃO

Impulsionada pela economia global do conhecimento no século XXI, a educação superior insere-se na dinâmica de uma nova onda de internacionalização. Aceleraram-se, no Brasil e em várias partes do mundo, os fluxos migratórios de estudantes e pesquisadores que cruzam as fronteiras em busca de melhor formação e os acordos bilaterais entre governos e universidades para a produção científica e tecnológica (Bhandari e Blumenthal, 2013).



O Brasil busca acompanhar esse fenômeno mundial e desde o início dos anos 2000 prioriza políticas para o desenvolvimento econômico e social e a competitividade industrial no cenário global. Nessa reconfiguração do Estado brasileiro, a ciência, a tecnologia e a inovação (CT&I) vinculam-se à educação como eixo estruturante da retomada desenvolvimentista. Assim, tornam-se estratégico para o governo as políticas para maior democratização no acesso às Instituições de Educação Superior (IES) e de qualificação nessas áreas de conhecimento.

Entre os principais avanços em termos de “democratização na composição discente das universidades da rede federal”, Borges e Garcia-Filice (2015) citam a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, a chamada Lei de Cotas. A partir dessa legislação, em vigor desde 2013, **50%** das vagas em cursos de graduação da rede federal ficam reservadas, até 2016, a estudantes de escolas públicas. Leva-se em conta nesse percentual o mínimo correspondente à soma de pretos e pardos (negros/as) e indígenas nos estados e Distrito Federal, conforme o censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Apesar dos avanços normativos, há de ressaltar que os critérios de equidade ficam, por vezes, enublados nas ações priorizadas pelo próprio governo na conjuntura desenvolvimentista. Eis o exemplo do Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), o maior investimento na história do país em política de internacionalização. Instituído pelo Decreto nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011, o CsF apresentou por meta a concessão de 101 mil bolsas de estudo e pesquisa no exterior e atração de cientistas ao Brasil.

Encerrado o prazo de execução da primeira etapa, o balanço oficial do governo<sup>3</sup> indica o cumprimento da meta. Todavia, ao não definir nas chamadas públicas critérios para minimizar as iniquidades regionais, o Programa mostrou-se, sob vários prismas de análise, elitista e excludente. Diante do exposto, o artigo objetiva traçar o perfil socioeconômico e linguístico dos bolsistas do DF e do Centro-Oeste que participaram do CsF nos EUA e compará-lo com o de estudantes das demais regiões. Para cumprir esse propósito e facilitar a leitura dos dados, o texto encontra-se dividido em três seções, além da introdução e das considerações finais.

---

<sup>3</sup> Cf. o Sistema Integrado de Monitoramento, Execução e Controle do Ministério da Educação - Simec, foram concedidas 101. 446 bolsas pelo Programa Ciência sem Fronteiras. Disponível em: <<http://simec.mec.gov.br>>. Acesso em: 17/set./2015.



Na primeira, após breve preâmbulo sobre a relevância de se considerar os recortes de gênero, raça e classe no ciclo de políticas, explica-se a metodologia da pesquisa e apresentam-se dados sobre o perfil por gênero, raça e classe. Em seguida, na segunda seção, são apresentados e discutidos os dados correlatos à escolarização das famílias dos bolsistas e ao perfil educacional dos mesmos. Por fim, na terceira seção, procura-se compor o perfil dos bolsistas mais fragilizados no domínio da língua inglesa e que precisaram recorrer ao curso de imersão do idioma nos EUA, com até seis meses de duração, pago pelo governo brasileiro.

### **1 – O PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS BOLSISTAS DO DF E CENTRO-OESTE: RAÇA, GÊNERO E CLASSE**

As variáveis de gênero, raça e classe no ciclo das políticas conquistaram maior relevância na dinâmica desenvolvimentista do Estado brasileiro a partir da primeira década deste século. Entende-se que em sociedades desiguais, como a do Brasil, a “coexistência de eixos de subordinação entre indivíduos e grupos” (Brasil, 2011, p. 40) acaba por criar situações de desvantagens para determinadas camadas sociais.

Nesse sentido, este artigo busca contribuir sobre as influências de gênero, raça e classe na incipiente política de internacionalização, que conquista notoriedade pública com o CsF. Ao identificar o perfil dos bolsistas de graduação, o estudo lança luz sobre as lacunas históricas no sistema de educação básica brasileiro e que ainda refletem na escolarização desigual entre brancos e negros, pobres e ricos. Conforme Garcia-Filice (2007, p. 46) “os negros têm avançado, mas continuam em posição inferior ao branco. Afinal, anos de estudo os separam. Este é o fato.”

Para a construção de uma amostra representativa, recorreu-se à fórmula proposta por Richardson et cols. (2014). Diante do quantitativo de 21.724<sup>4</sup> estudantes de graduação nos EUA, fazia-se necessário uma amostra de 608 bolsistas. A partir do *site* oficial do Programa, o Bolsistas pelo Mundo<sup>5</sup>, enviou-se o *link* do questionário da pesquisa a participantes do intercâmbio nos EUA. Obteve-se uma devolutiva de 1.283

---

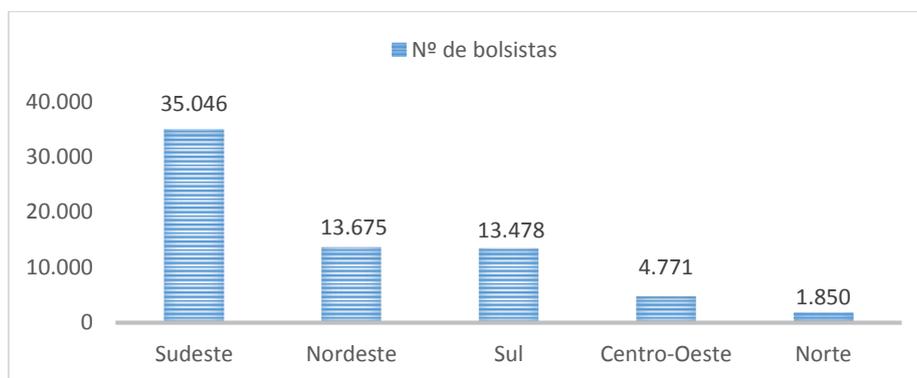
<sup>4</sup> Cf. Painel de Controle do Ciência sem Fronteiras. Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>. Acesso em: 17/set./2015.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/bolsistas-pelo-mundo;jsessionid=253AC4706FA0A1C5BE11085F743EBC30>>.

questionários. A análise estatística teve o suporte do *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*.

Dessa amostra, o Centro-Oeste participou com **125** bolsistas, o que corresponde a **9,7%** do total. A região só perdeu para o Norte, que enviou 68 estudantes (**5,3%**) aos EUA. Esses dados corroboram as estatísticas oficiais, conforme o gráfico 1:

**Gráfico 1. Distribuição de bolsistas de graduação por região**

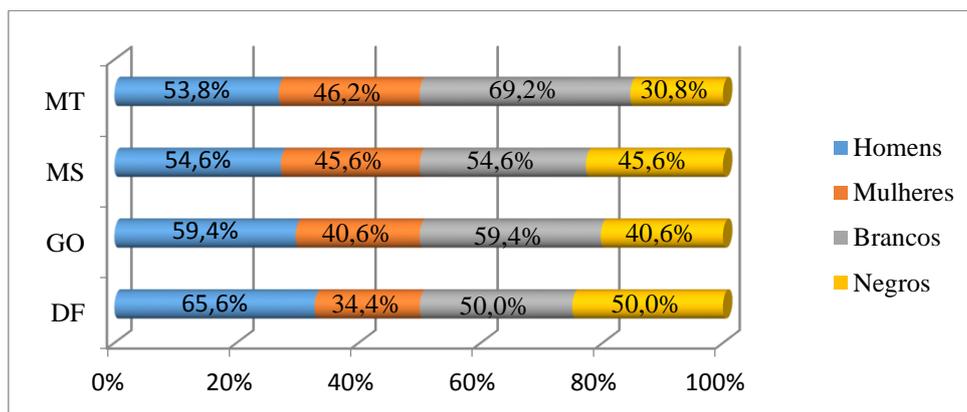


Fonte: Painel de Controle do Programa CsF. Acesso em: 17/set./2015.

O Centro-Oeste respondeu por **7%** do total de bolsistas, ocupando a penúltima posição no *ranking* nacional, à frente da região do Norte (**2,7%**). Portanto, a amostra ratifica a distribuição geográfica oficial do CsF. Dos 125 bolsistas da região, 66 estavam matriculados em IES do DF, 33 de Goiás, 14 do Mato Grosso e 12 do Mato Grosso do Sul. O DF teve, portanto, a maior participação regional, ou seja, **52,8%** dos bolsistas da região. Pelos dados oficiais, o DF também despontou na participação regional, com **56,8%** do total de bolsistas.

Como os dados do programa tornados públicos não informam sobre raça e classe, a base amostral permite avançar na composição do perfil dos estudantes do DF e do Centro-Oeste. O gráfico 2, mostra a distribuição dos bolsistas da região por gênero e raça.

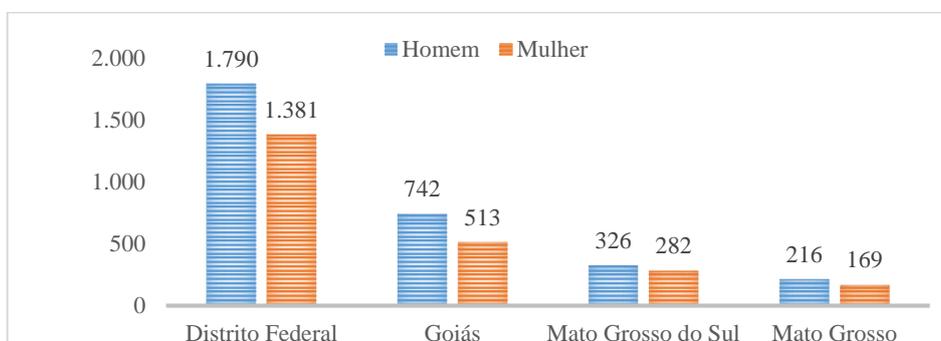
**Gráfico 2. Bolsistas do Centro-Oeste por gênero e raça**



Fonte: Dados de pesquisa. Elaboração própria.

O DF destaca-se por apresentar os maiores percentuais de bolsistas homens (65,6%) e negros (50%). Por gênero, os dados oficiais do Programa (gráfico 3) permitem verificar a participação do DF e dos estados do Centro-Oeste na totalidade de bolsas implementadas, o que inclui todas as modalidades e na abrangência dos 46 países anfitriões dos estudantes do CsF.

### Gráfico 3. Distribuição de bolsistas do Centro-Oeste por gênero



Fonte: Painel de Controle do Programa CsF. Acesso em 17/set./2015.

Como se pode perceber, os bolsistas homens predominam no DF e nos três estados da região. A maior diferença percentual ocorre em Goiás, onde os homens superaram as mulheres em 18,3%. No DF, essa diferença foi de 12,9%; no Mato Grosso, 12,2%; e no Mato Grosso do Sul, 7,2%. Os dados da base amostral, como já mencionado, permitem avançar na composição do perfil socioeconômico dos bolsistas em intercâmbio nos EUA.

As variáveis de classe e raça no cruzamento estatístico são importantes para analisar em que medida refletiram em maior ou menor iniquidade no intercâmbio, em especial na aquisição da língua inglesa. Na distribuição amostral dos bolsistas do DF



por gênero e raça, percebe-se que os homens brancos são maioria (52,4%), assim como as mulheres negras (54,5%).

Os dados oficiais com o balanço preliminar do CsF revelam que os homens também foram maioria no intercâmbio de graduação. Do total de bolsas implementadas, 57,5% eram do gênero masculino. Há de se ressaltar essa inversão na presença de gêneros no programa de intercâmbio, uma vez que as mulheres respondem por 55% das matrículas em cursos presenciais da graduação no Brasil (Inep, 2014).

A supremacia masculina no CsF pode ser explicada pelo fato de que 52,7%<sup>6</sup> das bolsas de graduação destinaram-se a estudantes das engenharias e tecnologias, áreas onde os homens são a maioria (Inep, 2014). A amostra da pesquisa mostra que no DF essa relação não foi diferente. O maior percentual (43,9%) das bolsas foi para estudantes matriculados em cursos de engenharias e demais áreas tecnológicas, sendo 23 homens e seis mulheres.

Torna-se mister esclarecer que a variável classe, neste estudo, foi dividida em quatro categorias analíticas de renda: os grupos 1 e 2 e grupos 3 e 4. Os grupo 1 e 2 englobam todos os bolsistas da amostra, sendo que no grupo 1 estão os bolsistas provenientes das famílias de maior poder aquisitivo, com renda mensal superior a R\$ 7 mil. O grupo 2 aglutina os estudantes com renda familiar igual ou inferior a R\$ 7 mil. Na composição da amostra (1.283 bolsistas), o grupo 1 teve uma participação de 30,7% e o grupo 2, de 69,3%.

Os grupos 3 e 4 abarcam os bolsistas de menor poder aquisitivo, com renda familiar igual ou inferior a R\$ 4 mil. O grupo 3 é o de maior representatividade na amostra: 40% dos bolsistas declararam vir de famílias com essa renda. O grupo 4, o mais fragilizado, reúne bolsistas com renda familiar de até R\$ 1 mil por mês. A participação desse grupo foi de 6,2%.

A considerar que apenas 7% das famílias brasileiras têm renda mensal superior a 10 salários mínimos (Ristoff, 2014), ou seja, ganham mensalmente acima de R\$ 7.880,00<sup>7</sup>, pode-se afirmar que a amostra compõe um panorama bem mais rico que o da sociedade brasileira, uma vez que cerca de 30% dos bolsistas vieram de famílias com

---

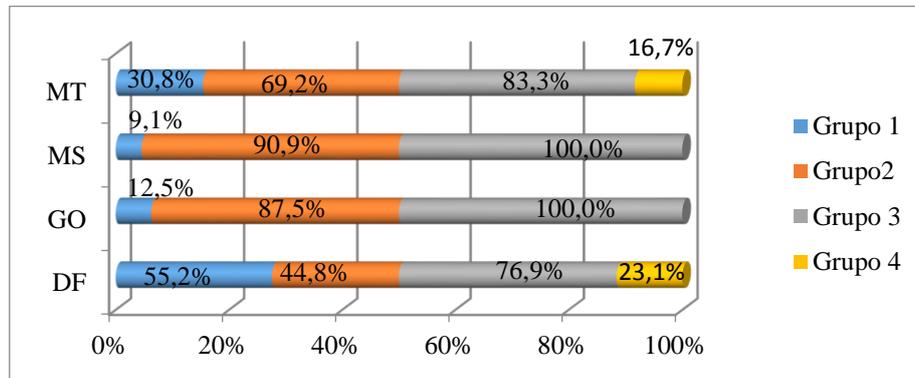
<sup>6</sup> Cf. dados do Painel de Controle do CsF atualizados até julho de 2015. Acesso em: 17/set./2015.

<sup>7</sup> O valor do salário mínimo em 2015 foi fixado em R\$ 788, cf. o Decreto nº 8.381 de 29 de dezembro de 2014.



rendimento igual ou superior. A leitura do gráfico 4 permite comparar os grupos 1 e 2, e os grupos 3 e 4.

**Gráfico 4. O DF e os estados do Centro-Oeste por classe (grupos 1 a 4)**



Fonte: Dados de pesquisa. Elaboração própria.

Nota-se que o DF desponta no Centro-Oeste com o maior percentual (55,2%) de bolsistas pertencentes ao grupo 1, de maior renda. A partir do cruzamento estatístico por gênero e classe, percebe-se que dos 33 bolsistas que pertencem ao grupo 1, 69,7% são homens. Por outro lado, observa-se também que o DF registrou o maior percentual (23,1%) da região na participação de estudantes do grupo 4, de menor renda.

O Centro-Oeste teve a maior participação na amostra de pesquisa de estudantes negros/as do grupo 1, de maior renda familiar (37,3%). Em seguida, vieram o Sul (19,4%), o Sudeste (16%), o Nordeste (13,1%) e o Norte (9,3%). O Centro-Oeste e o Sul foram as duas regiões em que o percentual de negros/as de maior poder aquisitivo superou o nacional, de 17,1%. Independentemente do gênero, a distribuição de bolsistas por gênero e raça revelou a predominância da raça branca: 66,4% entre os homens e 64,8% entre as mulheres.

No entanto, no Nordeste e no Norte, o número de bolsistas negros, de ambos os gêneros, superou o de brancos. Conforme Queiroz (2001), fato que se explica pela maior presença de pretos e pardos nessas duas regiões por razões históricas condicionadas pela “escravidão e posteriormente reforçado pelo estímulo à política migratória, que concentrou desproporcionalmente os negros em regiões predominantemente agrárias, e menos desenvolvidas do país” (p. 6).

No outro extremo, entre as três regiões onde o número de bolsistas homens e brancos superou o de negros, o Centro-Oeste desponta com a menor diferença por raça,



de 16,2%. No Sudeste, a diferença entre brancos e negros foi de 49,2% e no Sul, de 76,8%. A maior equidade de raça na região verificou-se também entre as mulheres brancas e as negras.

Essa maior equidade racial entre os bolsistas do Centro-Oeste leva a algumas conjecturas: primeiramente, a uma influência da Universidade de Brasília (UnB) que desde 2004 adota a política de cotas raciais para acesso de estudantes negros à graduação; segundo, ao maior poder aquisitivo das famílias dos Centro-Oeste, dado que a população do DF detém o maior rendimento mensal domiciliar per capita do Brasil (IBGE, 2015)<sup>8</sup>.

Na primeira edição do Sistema de Seleção Unificada (Sisu) de 2015, promovido pelo Ministério da Educação (MEC) para preencher as vagas de instituições públicas que aderem à dinâmica de ingresso com base na nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), a UnB destacou-se no quantitativo de vagas designadas à política de cotas da própria instituição.

Das 1.982 vagas para o primeiro semestre de 2015 em 88 cursos, 6,1% foram preenchidas por candidatos negros<sup>9</sup>. Esse percentual, adicional ao mínimo exigido pela Lei de Cotas, foi o segundo maior entre as 59 universidades federais que participaram dessa edição do Sisu, em relação às vagas ofertadas. O primeiro lugar ficou com a Universidade Federal de Tocantins (UFT) que destinou 10,4% das 1.775 vagas ao sistema de cotas da instituição.

Na execução global do CsF, a UnB também teve participação significativa, ocupando o terceiro lugar no *ranking* das IES que mais enviaram estudantes de graduação ao exterior: 2.450 no total. A Universidade de São Paulo e Universidade Federal de Minas Gerais lideraram: 3.992 e 3.470 bolsistas, respectivamente. Os dados são do Painel de Controle do Programa, atualizados até julho de 2015, e acessados em 17 de setembro de 2015.

Na amostra de 66 bolsistas do DF, nove declararam-se cotistas. Tendo por parâmetro que 15,2% dos bolsistas da amostra são cotistas, a representatividade do DF

---

<sup>8</sup> Cf. a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2014, divulgada pelo IBGE, em 26/fev./2015, o rendimento nominal mensal domiciliar per capita da população residente no DF foi de R\$ 2.055,00, bem superior ao do Brasil (R\$ 1.052) e de São Paulo (R\$ 1.432,00), que detém a segunda maior renda no país. O Centro-Oeste é a região de maior rendimento per capita das famílias (R\$ 1.292,75).

<sup>9</sup> Cf. relatório de vagas ofertadas pelas IES no Sisu da 1ª edição/2015, extraído em 07/01/2015, às 13h20, do Portal BI do MEC.



foi bem próxima a esse percentual: 13,6%. Desses cotistas do DF, oito declararam-se negros. Quanto à classe, seis pertencem ao grupo 2 e três ao grupo 1, de maior renda. Um bolsista afirmou vir de família com renda entre R\$ 1.001,00 e R\$ 4 mil (grupo 3) e dois disseram pertencer ao grupo 4, com rendimento mensal familiar igual ou inferior a R\$ 1 mil.

## 2. UM OLHAR SOBRE A ESCOLARIDADE DOS BOLSISTAS DO CENTRO-OESTE

Em relação à escolaridade da família dos bolsistas, por recorte de gênero, verificou-se que a educação superior como nível que predominante. Entretanto, ao se analisar o quantitativo de mães com formação superior e pós-graduação dentro do quantitativo de bolsistas enviados por região, o Centro-Oeste apresentou o maior percentual (65,6%). Em seguida, vieram as mães dos bolsistas da região Sul (57,4%), do Norte (57%), do Nordeste (55%) e, por último, o Sudeste (51,4%). Em relação aos pais dos bolsistas, observou-se que em quatro das regiões do Brasil, a escolaridade predominante foi a e nível básico, sendo maior esse percentual no Norte (65,7%) e no Nordeste (56,4%). A exceção foi o Centro-Oeste, região onde 56,8% dos pais têm formação superior e pós-graduação (mestrado e doutorado).

Nas estatísticas oficiais, o Centro-Oeste apresenta a maior taxa de escolarização bruta da educação superior, ou seja, maior número de pessoas na graduação fora da faixa ideal, de 18 a 24 anos (Inep, 2014, p.39). Sob o prisma da faixa etária considerada adequada, os dados mostram o Centro-Oeste com taxa de 19,2%, perdendo, por pouco, o primeiro lugar para a região Sul (19,8%). A tabela 1 apresenta a escolaridade das famílias de bolsistas do Centro-Oeste na intersecção por raça:

**Tabela 1. Distribuição da escolaridade da família por raça na região Centro-Oeste**

Nível de escolaridade	Mães/bolsistas brancos	Mães/bolsistas negros	Pais/bolsistas brancos	Pais/bolsistas negros
Ensino Fundamental	3 (4,5%)	7 (11,65%)	7 (10,6%)	7 (13,0%)
Ensino Médio	21 (31,8%)	12 (20,0%)	21 (31,8%)	17 (31,5%)
Educação Superior	34 (51,6%)	33 (55,0%)	30 (45,5%)	22 (40,7%)
Mestrado	5 (7,6%)	1 (1,7%)	5 (7,6%)	7 (13,0%)
Doutorado	3 (4,5%)	7 (11,65%)	3 (4,5%)	1 (1,8%)
Total	66 (100,0%)	60 (100,0%)	66 (100,0%)	54 (100,0%)

Fonte: Dados de pesquisa. Elaboração própria.



A educação superior predominou entre as famílias dos bolsistas do Centro-Oeste, independentemente da raça. No entanto, um olhar sobre a pós-graduação (mestrado e doutorado) revela um percentual superior das famílias dos bolsistas negros. Enquanto 11,8% das mães e 12,1% dos pais de bolsistas brancos apresentaram pós-graduação; 13,3% das mães e 14,8% dos pais dos bolsistas negros tiveram o mesmo nível de escolaridade.

Esse resultado indica que a maioria dos bolsistas negros do Centro-Oeste veio de famílias com curso superior e pós-graduação: 68,3% das mães e 55,5% dos pais. Ressalta-se que o percentual de mães de negros/as com graduação ou pós (68,4%) foi superior ao de estudantes brancos, 63,7%. Contudo, para os pais dos bolsistas brancos esse nível de escolaridade foi maior: 57,6% contra 55,5% dos pais de negros.

Em relação ao Nordeste, região com o menor rendimento familiar mensal per capita do país, o percentual de mães de negros com educação superior e pós (50,7%) foi inferior ao das mães de brancos (58,7%). Entre os pais de bolsistas, o nível de escolaridade que predominou foi o de formação básica. Todavia, os homens brancos tiveram maior participação na educação superior (47,6%) em relação pais dos negros (39,7%).

Portanto, percebe-se, entre as duas regiões de maior e menor renda familiar, a iniquidade por escolaridade. Enquanto no Centro-Oeste a diferença de escolaridade de nível superior entre as mães de bolsistas negros e brancos foi de 4,7%, e pendular à raça negra; no Nordeste essa distância foi maior, de 8%, e pendular à raça branca. Quanto aos pais, que apresentaram de forma geral menor escolaridade que as mães, a iniquidade também se fez presente. No Centro-Oeste, a diferença foi de 2,1%; e no Nordeste, 7,9%. Em ambos os casos, a favor dos brancos.

A escolaridade das famílias dos bolsistas mostrou-se mais elevada no grupo 1, de maior renda. O Centro-Oeste surgiu como a região de procedência da maioria das mães com formação superior: 29,7% pertencentes ao grupo 1 e 26,3%, ao grupo 2. Em seguida, veio a região Sul: 19,1% (grupo 1) e 30,1% (grupo 2). Os pais (homens) pertencentes ao grupo 1 com o maior percentual em nível superior estão no Centro-Oeste (28%), seguidos pelos do Sudeste (19,1%) e Sul (16,5%). O Norte e os Nordeste registraram o mais elevado percentual de escolaridade em nível fundamental dos dois grupos, respectivamente 22,6% e 20,4%.



Há de ressaltar, todavia, a escolaridade das famílias de bolsistas provenientes do Centro-Oeste e pertencentes aos grupo de menor renda da amostra desta pesquisa (grupos 3 e 4). Para esse nível de rendimento, a escolaridade predominante foi a da educação básica. A maioria das famílias desses estudantes não chegou à educação superior. O maior percentual no nível de graduação (38,1%) encontrou-se entre as mães do grupo 3, com rendimento superior às famílias do grupo 4. Entre todas as famílias de bolsistas do Centro-oeste, as do grupo 4 representaram 3,4%, revelando a maior dificuldade de ingresso desse grupo no CsF.

### 2.1 – A ORIGEM EDUCACIONAL DOS BOLSISTAS DO CENTRO-OESTE

Em relação ao tipo de escola que frequentaram no ensino médio, no geral, a maioria dos bolsistas homens (58,6%) e mulheres (62,8%) veio de escolas privadas. Ao se analisar a distribuição de gênero pelo tipo de escola no ensino médio em cada região, percebe-se que dos bolsistas homens do Nordeste que chegaram ao CsF, 68,9% são originários de escolas privadas. Esse foi o maior percentual entre todas as regiões. Entre as mulheres, o maior percentual regional ocorreu no Centro-Oeste: 72,9% eram provenientes da rede particular.

**Tabela 2. Distribuição regional de bolsistas por raça e tipo de escola**

Região	Norte		Nordeste		C. Oeste		Sudeste		Sul		Total	
Branços	(f )	%	(f )	%	(f )	%	(f )	%	(f )	%	(f )	%
E.Pública	6	33,3	27	21,4	20	30,3	141	35,9	100	48,5	294	36,3
E.Privada	12	66,7	99	78,6	46	69,7	252	64,1	106	51,5	515	63,7
Total	18	100	126	100	66	100	393	100	206	100	809	100
Negros	(f )	%	(f )	%	(f )	%	(f )	%	(f )	%	(f )	%
E. Pública	23	52,3	60	38,7	18	34,0	72	54,1	21	67,7	194	46,6
E.Privada	21	47,7	95	61,3	35	66,0	61	45,9	10	32,3	222	53,4
Total	44	100	155	100	53	100	133	100	31	100	416	100



*Fonte:* Dados de pesquisa. Elaboração da autora.

A partir da tabela 2, observa-se que a maioria dos bolsistas brancos (63,7%) e dos negros (53,4%) veio de escolas privadas no ensino médio. Pelo critério de raça, o maior percentual dos bolsistas brancos e negros que estudaram em escolas públicas ocorreu na região Sul, respectivamente 48,5% e 67,7%. Os bolsistas brancos do Centro-Oeste estudaram, majoritariamente, em escolas privadas (69,7%). Apenas o Nordeste registrou percentual maior: 78,6%. Entre os bolsistas do Centro-Oeste, a região teve o maior percentual de bolsistas negros (66%) provenientes de escolas privadas no ensino médio. No Nordeste, que registrou um maior quantitativo bem mais expressivo de estudantes negros, esse percentual foi menor, de 61,3%.

### **3 – O PERFIL LINGUÍSTICO DOS BOLSISTAS DO DF E CENTRO-OESTE**

Quase 60% dos bolsistas da amostra de pesquisa responderam ter recorrido a cursos de imersão na língua inglesa nos Estados Unidos para melhorar a proficiência no idioma, antes do início das aulas no intercâmbio. Esse benefício para o aperfeiçoamento linguístico teve prazo variável conforme a chamada pública do Programa, mas chegou até a seis meses de duração.

De forma geral, em todas as regiões, o percentual de bolsistas que fizeram curso de imersão no exterior superou o dos que não recorreram ao benefício. Todavia, os bolsistas provenientes do Centro-Oeste e do Sudeste foram os que menos recorreram ao benefício, respectivamente, 54,8% e 51%, enquanto os estudantes do Nordeste e Norte despontaram como os que mais precisaram aprimorar a proficiência no exterior: 70,9% e 66,2%. Na região Sul, 62,8% dos bolsistas cursaram aulas de idioma nos EUA pelo CsF.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No propósito deste artigo, de compor um perfil socioeconômico e linguístico dos bolsistas do DF e do Centro-Oeste que participaram da primeira etapa do Programa Ciência sem Fronteiras (2012-2015), considerando-se as variáveis de gênero, classe e raça, destacam-se as observações: i) o DF teve a maior participação no Centro-Oeste no envio de estudantes de graduação para os EUA; inclusive de negros; ii) na intersecção por raça e gênero no DF, os brancos tiveram maior participação entre os homens, e as



negras, entre as mulheres; iii) as engenharas concentraram o maior percentual de bolsas implementadas no DF, sendo os bolsistas do gênero masculino os mais beneficiados; iv) a maioria dos bolsistas do DF pertence ao grupo 1, de maior renda; no DF foi encontrado também o maior percentual de rendimento das famílias do Centro-Oeste; inclusive entre os estudantes negros/as; v) no total de bolsistas enviados por região, o Centro-Oeste apresentou o maior percentual de bolsistas negros (66%) provenientes de escolas privadas no ensino médio; vi) o DF registrou o maior percentual do Centro-Oeste na participação de estudantes do grupo 4, de menor renda; vii) a escolarização das mães e dos pais de bolsistas do Centro-Oeste é a mais elevada do país.

Além desses resultados, a pesquisa ainda indicou maior equidade por raça entre os bolsistas do Centro-Oeste em relação aos estudantes das demais regiões, pondo em evidência o impacto das políticas afirmativas no DF, em especial as adotadas pela Universidade de Brasília. Seis dos nove cotistas da amostra de pesquisa estudaram em escolas privadas no ensino médio, o que pressupõe que se beneficiaram pela política de inclusão de negros da UnB e não pela Lei de Cotas, que reserva vagas a alunos provenientes da rede pública.

A correlação de rendimento das famílias com a escolarização evidenciou-se entre os bolsistas do DF, que apresentaram maior renda familiar e anos de estudos. Os resultados da pesquisa indicaram, inclusive, que a maioria dos bolsistas negros do Centro-Oeste que chegaram ao CsF veio de famílias com curso superior e pós-graduação, ratificando estudos (Ristoff, 2014) que ressaltam a associação de renda e escolaridade.

A análise dos dados por escolaridade também evidenciou a perpetuação das iniquidades regionais, ao apontar mais anos de estudo entre as famílias dos bolsistas do Centro-Oeste e menos entre as do Nordeste. Essa distorção apareceu também nos dados de proficiência linguística. Os bolsistas provenientes do Centro-Oeste foram os que menos recorreram ao benefício do CsF de estudar inglês nos EUA, antes do início do intercâmbio. Dado esse que leva ao pressuposto de que tiveram mais condições de aprender inglês em comparação aos estudantes do Nordeste e do Norte que figuraram no outro extremo, entre os que mais se matricularam em cursos de inglês no exterior.

Em suma, o olhar focalizado sobre os bolsistas do DF e do Centro-Oeste no contexto do Ciência sem Fronteiras sinalizou a perpetuação das iniquidades no Brasil,



que privilegiam os estudantes brancos, vindos de famílias com melhor escolaridade e de classes mais altas. Referenda-se, assim, que as políticas públicas na dinâmica da internacionalização do século XXI precisam e devem ser pensadas de forma articulada a fim de contribuir para a superação das históricas desigualdades de raça e classe na educação brasileira.

### REFERÊNCIAS

BHANDARI, Rajika e BLUMENTHAL, Peggy. Global student mobility and the twenty-first century silk road: national trends and new directions. In: BHANDARI, Rajika e BLUMENTHAL, Peggy (Eds.). *International students and global mobility in higher education*. New York: Palgrave MacMillan, 2013. Cap. 1, p. 1-23.

BORGES, Rovênia Amorim e GARCIA-FILICE, Renísia Cristina. Como a globalização neoliberal tornou possível o Programa Ciência sem Fronteiras? In: GUIMARÃES-IOSIF, Ranilce.; ZARDO, Sinara Pollom; SANTOS, Aline Veiga dos (Orgs.). *Educação superior: conjunturas, políticas e perspectivas*. Brasília: Liber Livro, 2015. p. 91-107.

BRASIL. Gestão de políticas públicas em gênero e raça - GPP-GeR: módulo V. HEIBORN, Maria Luiza, ARAÚJO, Leila e BARRETO, Andreia (Orgs). Rio de Janeiro: Cepesc; Brasília: *Secretaria de Políticas para as Mulheres*, 2011.

GARCIA, Renísia Cristina. *Identidade Fragmentada: um estudo sobre a história do negro na educação brasileira 1993-2005*. Brasília: Inep, 2007.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. IBGE divulga renda domiciliar per capita 2014. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua*, Brasília, 2015. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Nacional\\_por\\_Amostra\\_de\\_Domicilio\\_s\\_continua/Renda\\_domiciliar\\_per\\_capita\\_2014/Renda\\_domiciliar\\_per\\_capita\\_2014.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilio_s_continua/Renda_domiciliar_per_capita_2014/Renda_domiciliar_per_capita_2014.pdf)>. Acessado em: 03 agosto 2015.

Instituto Nacional de estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - Inep. Censo da educação superior 2012: resumo técnico. *Ministério da Educação*. Brasília, 2014, 133 p. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2012/resumo\\_tecnico\\_censo\\_educacao\\_superior\\_2012.pdf](http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2012/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2012.pdf)>. Acessado em: 15/ago./2015.

RICHARDSON, Roberto Jarry et cols. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3ª. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

RISTOFF, Dilvo. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba (SP), v. 19, n. 3, 2014, p. 723-747.

QUEIROZ, Delcele M. *Raça, Gênero e Educação Superior*. 2001. 302 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2001.

*Recebido em outubro de 2016  
Aprovado em janeiro de 2017*